

inCantare

Esta obra foi licenciada com uma licença Creative Commons



Ratoeira: música de tradição oral e identidade cultural

Andressa Dias Arndt¹

92

¹ Musicoterapeuta graduada pela Universidade Estadual do Paraná UNESPAR Campus de Curitiba II - Faculdade de Artes do Paraná FAP. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina UFSC. Membro do NUPRA (Núcleo de Pesquisa em Práticas Sociais: relações éticas, estéticas e processos de criação) e do NEPIM (Núcleo de Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia). Atualmente é professora colaboradora no curso de graduação em Musicoterapia da Universidade Estadual do Paraná UNESPAR Campus de Curitiba II - Faculdade de Artes do Paraná FAP. Contato: andressa_1708@yahoo.com.br.

Mousetrap: oral music tradition and cultural identity

Andressa Dias Arndt¹

93

1 Musicoterapeuta graduada pela Universidade Estadual do Paraná UNESPAR Campus de Curitiba II - Faculdade de Artes do Paraná FAP. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina UFSC. Membro do NUPRA (Núcleo de Pesquisa em Práticas Sociais: relações éticas, estéticas e processos de criação) e do NEPIM (Núcleo de Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia). Atualmente é professora colaboradora no curso de graduação em Musicoterapia da Universidade Estadual do Paraná UNESPAR Campus de Curitiba II - Faculdade de Artes do Paraná FAP. Contato: andressa_1708@yahoo.com.br.

O livro RATOEIRA: MÚSICA DE TRADIÇÃO ORAL E IDENTIDADE CULTURAL é fruto de pesquisas acadêmicas realizadas desde a graduação por Rodrigo Moreira da Silva, tendo sua solidificação e aprofundamento em seu mestrado em Música na subárea Musicologia/Etnomusicologia, pela Universidade Estadual de Santa Catarina em 2009. Em 2011, sua dissertação é então publicada no formato de livro, aqui resenhado.

O PREFÁCIO é escrito por Acácio Piedade, professor orientador que acompanhou a pesquisa de Rodrigo Moreira da Silva. O livro é organizado em treze capítulos, seguidos de considerações finais e referências, distribuídos em 170 páginas. Os capítulos três, quatro, seis e treze contam com subdivisões.

Na APRESENTAÇÃO e INTRODUÇÃO, o autor apresenta a Ratoeira como uma dança ou uma brincadeira de roda que tem a música como elemento fundamental, típica do litoral catarinense, de origem popular e tradição oral, sendo definida como folclore, um patrimônio cultural; tendo por temática as relações amorosas da cultura. O processo de campo envolveu visitas aos moradores e a grupos comunitários de nativos do litoral do estado de Santa Catarina, iniciando pelos bairros Ribeirão da Ilha e Barra da Lagoa na cidade de Florianópolis, estendendo-se para outros municípios no decorrer da pesquisa. Ao longo do trabalho, o autor enfatiza a influência da cultura açoriana nos aspectos musicais e socioculturais do contexto pesquisa. Apesar de a Ratoeira não apresentar restrição de gênero ela é comumente vivenciada por mulheres, sendo que até por volta de 1950 era praticada por jovens e atualmente ganha espaço entre idosos e grupos folclóricos, passando por uma transição de significado: da promoção de encontros amorosos para um possível lugar de afirmação de identidade cultural.

A música é eventualmente acompanhada por instrumentos como acordeom, violão, percussão ou outros. Comumente um integrante vai ao centro da roda e recita um poema de quatro versos, nomeado por Silva de melodia solo, seguido do canto de um refrão pelos demais integrantes, nomeado de melodia coro.

O campo disciplinar no qual se dá a investigação é a Etnomusicologia. Durante toda a leitura do livro, com a transcrição das letras e por meio da notação musical, nos aproximamos muito do campo pesquisado e conseguimos sentir e visualizar como se dá a prática da Ratoeira.

No tópico DANDO VOZ ÀS CANTORAS: UMA ETNOGRAFIA DA RATOEIRA, o autor apresenta sua eleição do método etnográfico para realização da aproximação que se pretende com a pesquisa e o diálogo entre a(s) voz(es)

do(s) nativos(s) e a voz do pesquisador, evidenciando-se numa produção que reconhece proximidades e distanciamentos entre o pesquisador e o nativo. A Ratoeira é descrita em seus propósitos no passado e nos dias atuais. O aspecto mágico presente na cultura investigada é apontado como presente na produção musical pesquisada.

Silva (2011) aponta que as cantoras pesquisadas possuem em comum o conhecimento da Ratoeira e um discurso que aponta para uma origem açoriana, distinguindo-se em sua relação com a Ratoeira e o grau de escolaridade. A relação que o pesquisador estabelece com as mulheres vai dando à leitura um tom também de jocosidade e flerte, tal qual o presente na característica da Ratoeira, uma vez que as mulheres brincam com a letra que inicia o nome do autor e pesquisador (R.) para (re)criar versos e endereçam à ele quadrinhas amorosas.

Em O TRABALHO DE CAMPO, é descrito quais foram as pessoas acessadas e qual o método de registro adotado na pesquisa. O autor iniciou sua busca por informações quando em contato com Eugênio Lacerda, antropólogo e pesquisador da influência açoriana no estado de Santa Catarina, a partir daí desdobraram-se contatos com pessoas relacionadas a secretarias e fundações de cultura de alguns municípios do litoral catarinense, líderes comunitários e de grupos de pesquisa folclórica. Silva também participou de algumas apresentações de alguns grupos onde realizou entrevistas e gravações audiovisuais.

O método de registro de entrevistas e encontros foi por meio de gravação em áudio (quando até três pessoas), filmagens dos encontros com grupos e apresentações e anotações.

Uma contextualização é apresentada em BREVE HISTÓRIA LOCAL. Silva tece uma descrição cultural do litoral catarinense investigado, destaca aspectos da identidade cultural com destaque especial ao mote da origem açoriana e mapeia o contexto sociocultural investigado, a saber: Florianópolis, Porto Belo, Bombinhas, Governador Celso Ramos e Penha. O autor pontua elementos em torno da arquitetura, culinária, expressões verbais, manifestações religiosas, folclore, artesanato, entre outros aspectos culturais. Com tais referenciais somos aproximados cada vez mais do método etnográfico.

Na parte RATOIEIRA É COISA DE MULHER: RELAÇÕES DE GÊNERO E PRÁTICA MUSICAL, Silva destaca que a Ratoeira era praticada quase que exclusivamente por mulheres ainda que acolhesse a presença de homens uma vez que as mensagens cantadas eram a eles endereçadas pela característica de

flerte da Ratoeira. Ficava a cargo dos homens a execução de outros repertórios tais como o Boi de Mamão e a Trova. O caráter simbólico subentendido nos discursos que afirmam que a “Ratoeira é coisa de mulher” dão pistas de uma mudança de significado da Ratoeira explorada no livro.

Um traço peculiar do pesquisador é o quanto, ao longo da apresentação das informações obtidas em campo, há uma renúncia à neutralidade, um constante cuidado em não colocar a pesquisa como um meio de resgate da Ratoeira mesmo que isso tenha sido a ele, em algum momento, endereçado. Ao longo da leitura, estamos sempre sendo convidados a questionar o que nos é dado, nos aproximando cada vez mais do imaginário popular como um discurso sobre o significado da Ratoeira.

Uma característica relevante é o fato de que, atualmente, a Ratoeira é cantada por mulheres entre 60 e 90 anos, que foram ensinadas por suas mães e avós. O discurso nativo revela que a transmissão de conhecimento entre gerações era uma maneira de manter vivos valores morais de uma sociedade. Evidencia-se um tom saudoso nas vozes das nativas e uma certa sensação de serem a última geração a manter a prática da Ratoeira, uma vez que o público jovem não apresenta interesse nem adesão à prática da Ratoeira.

Ao apresentar a Ratoeira como um Ritual de Flerte, Silva destaca elementos em torno do Rito e o coloca como repleto de categorias, classificações, formas e valores, que são compartilhados no dia-a-dia social, revelam valores de uma sociedade, ideologias, identidade. Destaca a fala e o canto como sendo ações sociais, portanto, constituídos de elementos comunicativos.

A Ratoeira no passado guardava o flerte e a sátira como elementos marcantes, atualmente, o significado muda e está mais relacionado à integração de idosas, a um caráter nostálgico e afirmação de identidade. Silva marca que a despeito da mudança de significado, a Ratoeira permanece expressando e reforçando aspectos da vida social.

DO TEMPO DOS ANTIGOS: A DESIGNAÇÃO DE FOLCLORE E SUAS IMPLICAÇÕES aborda questões em torno do termo *folklore*, apresentando também questões referentes aos aspectos históricos do estudo do folclore no Brasil.

Em RATOEIRA: O QUE É E COMO ACONTECE a Ratoeira é descrita como uma cantiga do cotidiano, cantadas em diferentes situações tais como brincadeiras, trabalho, namoro, praticadas no engenho de farinha, na casa de alguém ou mesmo na praia, podendo ou não ser em roda. Com os recortes das falas das mulheres

entrevistadas, visitamos com nosso imaginário um tempo social e cultural distinto e somos, por meio da leitura, convidados a acompanhar a transição de significado que atravessa a Ratoeira.

A Ratoeira comumente é descrita como acontecendo em uma roda, em que os participantes ficam de mãos dadas e no centro da roda o participante canta uma quadrinha enquanto que os integrantes do círculo se movimentam e repetem o verso. Os temas de amor e/ ou desafios aos rivais compunham a característica da Ratoeira. O nome de Ratoeira faz alusão a uma armadilha amorosa, que pretende capturar, em uma intenção de certo jogo de sedução.

Sua música possui melodia singela sendo comum a presença de glissandos em saltos melódicos, há uma sabedoria implícita na poética, os padrões melódicos são distintos de acordo com a região, o pulso nem sempre é constante e as tonalidades preferencialmente localizaram-se em Fá maior e Lá bemol maior. Silva propõe em seu livro uma tentativa de transcrição aos moldes de uma notação tradicional para uma melhor aproximação do leitor ao conteúdo musical apresentado.

O autor apresenta também as particularidades dos materiais musicais encontrados quando em contato com o Grupo de Idosas de Governador Celso Ramos, com Dona Francisca de Penha, Clube de mães de Porto Belo, Grupo Olaria do Sambaqui de Florianópolis e o Grupo de Danças Folclóricas da Terceira Idade da UFSC, também em Florianópolis.

Em *breve análise musical*, são assinaladas as características específicas da Ratoeira em cada região pesquisada, personalizando o conteúdo musical levando em conta aspectos do ritmo, tonalidade e melodia apresentadas, desenhando assim um parâmetro geral.

O autor propõe, de modo particular, uma metáfora do material musical em relação à Ratoeira:

Essa terça menor descendente pode conter em seu significado musical toda a tristeza e decadência que a música da Ratoeira alude nos dias de hoje [...]. A melancolia deste intervalo lembra um chamado por alguém que está longe. Este chamado também pode ter um caráter carinhoso quando é para alguém que se ama. O fato de não ser resolutivo, de não repousar, pode remeter à roda da Ratoeira, que não cessa até que se acabem os versos. (SILVA, 2011, p. 103).

A partir da análise da POESIA são destacados os traços trovadorescos de Portugal Medieval, a predominância do eu lírico-feminino, a relação com elementos da natureza, o teor satírico, eventualmente improvisado, mas tendo o caráter da rima e o tema do amor recorrente. Abaixo um breve exemplo dentre vários apresentados por Silva em sua pesquisa:

Ratoeira não me prende,
que eu não tenho quem me solta.
Eu já tenho arreventado,
outras correntes mais fortes.

Ratoeira bem cantada,
faz chorar, faz padecer.
Também faz um triste,
amante de seu amor esquecer.

Ratoeira não me prenda,
que eu não quem me solte.
A prisão da Ratoeira
é como a prisão da morte.

Pra cantar na Ratoeira
não é preciso ter escola.
Eu tiro da minha cabeça,
e da minha boa memória.

(SILVA, 2011, p. 112).

NAMORO OU SAUDADE? UM NOVO SIGNIFICADO MUSICAL apresenta a transição do significado da Ratoeira, se outrora ela intermediava o flerte por meio de jogos poéticos musicais, atualmente ela tem o papel de integrar grupos de terceira idade, ocupando em alguns cenários o contexto da escola quando ensinada como folclore. O autor contrapõe o significado literal ao significado real do imaginário popular, apontando para o fato de que é o discurso nativo que indica a mudança de significado da Ratoeira. Como o significado está atrelado ao contexto histórico-cultural, uma mudança de contexto sociocultural implica em uma mudança de significado.

Evidencia-se em PASSADO, PRESENTE E FUTURO, a partir do discurso nativo, o quanto a Ratoeira de certo modo permitia um flerte proibido nos tempos passados, inclusive por viabilizar contato físico. Se antes a Ratoeira era carregada de certa tristeza, a de amores impossíveis, hoje a tristeza se dá pelo receio do término de sua prática, afinal, ela possibilita acesso a um tempo passado, porém por parte de um público bastante específico: as atuais praticantes da Ratoeira.

O tema da herança açoriana no litoral Catarinense inicia-se em IDENTIDADE, CULTURAL NO LITORAL CATARINENSE, e desdobra-se em ISSO É HERANÇA DOS AÇORIANOS: UMA IDENTIDADE EM EVIDÊNCIA, A PRESENÇA AÇORIANA NO LITORAL DE SANTA CATARINA e ELABORANDO A IDENTIDADE CULTURAL. A Ratoeira expressa, segundo o autor, elementos da cultura açoriana, tais como a jocosidade e as relações amorosas, o universo da fantasia quando funde elementos do corpo com plantas e envolvendo aspectos mágicos, bem como os elementos simbólicos poético-musicais, fazendo assim a manutenção da preservação da identidade.

Silva menciona o fato de que o estado de Santa Catarina, até aproximadamente o século XVII foi habitado pelo povo indígena Guarani e que somente após XVIII os açorianos passaram a ser a referência cultural. Silva também marca a presença e o lugar dos escravos negros nas crenças e religiosidade e também dos Vicentistas¹.

O autor refere-se às adaptações culturais existentes na identidade cultural ao longo dos 250 anos de história. Outro ponto importante é o papel dos líderes comunitários e dos intelectuais em “devolver” ao povo a consciência de sua origem açoriana. Silva problematiza as expressões: açoriana, de base açoriana, e cultura do litoral catarinense, nos levando a compreensão de que a eleição por uma das expressões diz de um posicionamento político, filosófico, psicológico e econômico.

Fica evidente que há, no mote da origem açoriana, por um lado um interesse econômico em torno do turismo e por outro certo orgulho no discurso nativo por descobrirem suas origens, uma vez que a fala nativa mostra influência do trabalho realizado pelo Núcleo de Estudos Açorianos (NEA) do litoral catarinense. Nesta seção, também é abordado o tema das transformações nos modos tradicionais de relações sociais, valores e costumes numa era globalizada, sendo alvo de críticas nos discursos das mulheres entrevistadas.

1 Os vicentistas compunham um pequeno número de representantes de elite portuguesa que exerceram grande influência no meio político, mas também em aspectos culturais, devido seus costumes e hábito (SILVA, 2011).

Silva tece uma escrita cuidadosa em torno nos temas, deixando o leitor livre para construção de críticas e sempre parecendo nos convocar a adotar uma posição advertida em torno do que nos é dado, sem a pretensão de nos impor julgamento de valor ou interpretações acabadas em seu estudo.

É descrito também a presença do intercâmbio cultural, viabilizada por uma iniciativa pública nos Açores, que mostrou o quanto a presença da cultura açoriana no litoral catarinense pode acolher diferentes caminhos, guardando em si características diversas e peculiares.

Nas CONSIDERAÇÕES FINAIS, o autor marca a Etnomusicologia como o campo disciplinar e a Ratoeira como objeto do estudo realizado. Afirma que a análise musical se deu atrelada ao contexto sociocultural, validando o discurso nativo em diálogo com autores que embasam a apropriação teórica. Marca uma iniciativa institucionalizada de apoio e valorização da origem açoriana, motivada por questões políticas e econômicas. O intercâmbio cultural pesquisado mostra o quão distante a Ratoeira está da música tradicional dos Açores.

A Ratoeira é compreendida como patrimônio cultural dominado por pessoas idosas e revelou-se bastante diversa de acordo com a região pesquisada. Silva elege a expressão *identidade cultural do litoral catarinense* por reconhecê-la como fruto de um processo de miscigenação e trocas entre vários grupos étnicos e opta por não participar musicalmente da Ratoeira numa intenção de não distorcer o modo como o qual as pessoas vivenciavam a Ratoeira.

Por fim, vale mencionar que Silva encerra seu livro com uma construção harmônica pessoal da Ratoeira, deixando sua “marca dissonante” (SILVA, 2011, p. 159) e mostrando assim que a despeito de não tê-la praticado com os grupos pesquisados, certamente ela foi por ele vivenciada, saboreada e musicada, o que certamente nos captura também.

REFERÊNCIA

SILVA, R. M. Ratoeira: **Música de tradição oral e identidade cultural**. Florianópolis: Editora UDESC, 2011.